

## A questão dos gêneros literários na expressão amazônica de Hélio Rocha, Nair Gurgel do Amaral e Rubens Cavalcante.

### The issue of literary genres in Helio Rocha's Nair Amaral's and Rubens Vaz Cavalcante's amazon expression

José Eduardo Martins de Barros Melo<sup>1</sup>

Maria Elizabete Sanches<sup>2</sup>

**Resumo:** Nas últimas quatro décadas o mundo voltou seu olhar para os movimentos da cultura e da história de expressão amazônica, atentando-se aí para a variedade da produção literária em suas diversas nuances, ora tendendo para uma relação muito próxima com a história, ora com a cultura e ora redimensionando sua visão até a renovação da literatura infantil em seus desdobramentos, que na obra de alguns autores se caracteriza como leitura de expressão regional. Este trabalho pretende investigar como se dá o processo de construção da linguagem identificada enquanto marca formal do discurso de Hélio Rocha, Nair Amaral e Rubens Vaz Cavalcante a partir de elementos presentes na cultura regional, em especial, a de Rondônia e do Amazonas, tomando-se para isso os livros *Gaivotas*, *Abc...zônia* e *O menino e o rio*, respectivamente. Para tanto, utilizaremos as variantes conceituais e as relações entre cultura, linguagem e identidade regional. Nesse sentido o texto retoma como eixo teórico o pensamento de Terry Eagleton sobre de que forma “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55) se torna fator determinante da formação cultural de um povo, bem como, as especificidades das reflexões de Stuart Hall, Walter Mignolo e Zygmunt Bauman sobre identidade cultural, desobediência epistêmica e modernidade líquida.

**Palavras-chave:** Literatura; Cultura; Identidade; Regionais.

**Abstract:** In the last four decades, the world turned its gaze to the movements of culture and history of Amazonian expression, paying attention to the variety of literary production in its various nuances, sometimes tending towards a very close relationship with history, sometimes with culture and sometimes rescaling its vision to the renewal of children's literature in its developments. In the work of some authors this is characterized as a reading of regional expression. In this work I investigate how the process of construction of the language identified as a formal mark of authors such as Hélio Rocha, Nair Amaral and Rubens Vaz Cavalcante, takes place, based on elements present in the regional culture, in particular, that of Rondônia and Amazonas, The works we discuss here are *Gaivotas*, *Abc...zônia* and *O Menino e o Rio*, respectively. We use here the conceptual variants and the relations between culture, language and regional identity. In this sense, the text takes as a theoretical axis Terry Eagleton's notion on how “the complex of values, customs, beliefs and practices that constitute the way of life of a specific group” (EAGLETON, 2005, p. 55) becomes determining factor in the cultural formation of a people, as well as the specificities of the reflections of.

**Keywords:** Literature; Culture; Identity; Regionals.

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT).

<sup>2</sup> Profa. Ma. da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT).

## 1. Situando a questão

Quando nos deparamos com a discussão sobre a identidade cultural e a produção literária de expressão regional, a primeira pergunta que fazemos é como se dá a construção desses elementos regionais, enquanto elementos característicos de uma cultura e de uma região, habituados que estamos a pensar nesses elementos como limites para a formação desses traços ou dessas culturas em determinadas regiões, no caso específico, na região amazônica. No entanto, ainda que consideremos o pensamento de Stuart Hall em *A identidade Cultural na Pós-modernidade* (2011, p. 67), no que se refere ao processo de formação dessa mesma identidade em relação ao seu diálogo com os momentos de sua concepção e o processo transitório de sua permanência em virtude da globalização, a questão não nos parece ser simples como se apresenta.

Isto se dá porque, em primeiro lugar, existem várias formas e conceituações no Brasil para o que entendemos por região amazônica e em segundo lugar porque a escrita literária de feição amazônica, nem sempre segue padronizada em sua maneira de se apresentar, ora se manifestando em textos e relatos de viagens que beiram a historiografia e a prosa formal e ora adentrando pelos caminhos do que essencialmente se constitui enquanto expressão literária nas formas prosaicas do conto, da novela e do romance ou na pluralidade da força de expressão lírica, notoriamente, na poesia e suas diversas manifestações.

Assim, no caso da poesia esta constatação é uma constante dada a sua natureza e a sua função. Penso que a forma como enxergamos a literatura exija um exercício constante de idas e vindas ao texto e a identidade que ele expressa, principalmente quando esta identidade se faz por meio de uma desobediência teórica oriunda de um pensamento ainda estabelecido pela voz do colonizador, como bem atenta Walter Mignollo em **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política** (2008), comumente encontrado em obras da nossa formação intelectual que nos faz despertar para a desobediência epistêmica a que se refere o autor.

Refiro-me aqui ao que segue na contramão do pensamento colonialista e que se acentua e se torna visível na obra dos três autores em questão, por meio da força de expressão regional que aparece de forma variada na linguagem e no gênero literário ao qual se vincula, ficando a

de Hélio Rocha vinculada ao conto em sua possibilidade de constituir-se narrativa de recorte regional, no formalismo criativo do dicionário de Nair Gurgel que se utiliza de uma forma essencialmente não literária para fazer a literatura e nos traços de intensa seriedade que encontramos na literatura infantil de Rubens Vaz Cavalcante. Antes, no entanto, cabe refletir de que forma ou como se insere a literatura de Rondônia nas diversas definições que temos da região amazônica.

Se entendermos como Amazônica a região formada pelos sete estados do norte brasileiro teremos uma literatura formada por Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins e Pará, sendo esta região a maior do país e a que possui menores indicadores de desenvolvimento dentro da ótica capitalista ou de “identidade política”, como reflete Mignolo (2008).

Por outro lado, se adotarmos como limites dessa definição o contorno geoeconômico adotado pelo Governo Federal em 1966, (Amazônia Legal) o quadro muda significativamente e a ela são acrescidos os estados do Mato Grosso e Maranhão e isso altera sobremaneira os nossos estudos porque a ela serão incorporadas obras anteriormente excluídas deste contexto.

Da mesma forma se adotamos apenas os estados que se encontram no extremo norte do país porque teremos tão somente Rondônia, Acre, Pará, Amapá e Amazonas, o que reduz bastante o número de obras a serem analisadas, embora muitos aleguem que efetivamente essa seja a região a ser considerada. Esta questão geopolítica que aparentemente passa despercebida em várias ocasiões, remete em muitas vezes ao fato desse ou daquele estado ficar aparentemente deslocado do que comumente se entende por literatura da ou na Amazônia, especialmente no caso de Rondônia, visto por muitos como um estado fora do contexto da região amazônica em seu sentido restrito.

No entanto, nos parece prudente aqui, apontar os diversos caminhos que a produção literária da região, especialmente nas obras citadas neste artigo e seus autores, apresentam, no que tange aos fortes traços do que Zygmunt Bauman apresenta como marcas da identidade mutável ou “fluida”, que se renova porque líquida, sujeita a ações e influências de outras identidades, embora essa mesma identidade referencie as marcas correlacionais de sua expressão histórica e linguística em diversos momentos ou obras, como se tem aqui nos textos em questão, especialmente pela presença dos imigrantes, o que se consolida em outros escritos que compõem a literatura produzida no estado.

## 2. Do conto ao Dicionário; do dicionário ao poema: regionalismo, identidade cultural e a diversidade de gêneros e formas.

Nesse sentido adentramos a seara dos momentos em que essa nova literatura efetivamente inicia o seu contorno de voltar-se para a emancipação e construção de uma identidade imagética de limites regionais a partir dos elementos que contornam sua história, sua fauna e sua flora, traduzindo-se como elemento de espelho e reflexo da convivência entre diversos povos que fizeram o processo migratório e que aparecem no *Gaivotas* de Hélio Rocha, na expressão dicionaresca do *ABC...zônia* de Nair Gurgel ou nas travessuras metafóricas que se desenvolvem nas relações afetivas e culturais de *O menino e o rio*, de Rubens Vaz Cavalcante. Apenas a título de ilustração transcrevo aqui as palavras do próprio Hélio Rocha ao “socializar” com o leitor, a motivação para a escrita dos sete contos que compõe o livro:

Dos sete contos, dois deles –“Rumo à terra do Sem-fim” e “O lago de Samuel”-foram concebidos a partir do livro *The Road to Extrema*, do jornalista estadunidense Bob Reis, que visitou a Amazônia no final da década de 80 do último século; o conto “O etnólogo” nasceu da leitura de *Do Roraima ao rinoco*, de Theodor Koch-Grünber’ e é uma homenagem a esse etnólogo alemão; já o conto “Madame Godin” é uma tradução interlingual da introdução de *Isabela Godin: the lost lady of the Amazon*, romance de Antony Smith baseado na narrativa de *La Condamine*. Os demais contos são frutos da técnica e da imaginação, principalmente, “*Speculae*”, dedicado a H.M. Tomlinson; “Dany” e “(In)visibilidade”, devo às experiências de leituras *in situ* e da historiografia regional (2015).

Como se pode perceber, são textos que embora construídos sobre a égide e o formato de uma tradicional forma literária, guardam estreita relação com a história e os relatos sobre os povos indígenas na região. Tal procedimento já se havia revelado em *Maciary* (2014), romance em que Hélio Rocha denuncia os fatos históricos do processo de colonização da região usando a ficção como instrumento para tal. Na verdade, tanto em um quanto em outro, a metáfora dialoga com a real condição dos povos primeiros em relação ao colonizador, em especial, no segundo, em o título pode ser lido como um espelho imagético da tragédia da mulher na região, ora violentada pelos colonizadores, ora pelos viajantes que transitam em busca de riquezas, por meio da exploração, seja de ordem sexual, seja via sistema de submissão. Aqui, cabe ressaltar, que as histórias refletem e resgatam focos e vozes narrativas distintas, que ora apresentam situações e emblemas da cidade e da formação cultural de Porto velho, e hora dialogam com a

verossimilhança do quadro denunciador desta mesma formação que interfere na cultura e em sua tradição regional.

Segundo o professor e doutor Miguel Nenev<sup>3</sup>, em “orelha” ao livro *Gaivotas* (2015), tais “histórias são contadas e descontadas para o leitor poder sentir que nada é linear e definitivo. As gaivotas” aí, não são “livres para voar”. Na verdade, as gaivotas não trazem a possibilidade de renovação do voo ou de seu processo de libertação. “Estão presas a narrativas, a conceitos e preconceitos que as impedem de ir e vir, pois a degradação econômica e moral as deixa com baixa-estima. Parece que não há nada a fazer a não ser morrer lentamente (2015), ou dentro da perspectiva histórica, se deixar violar pelos atos de usurpação do processo colonizador interferindo na identidade cultural, o que se caracteriza como uma constante nos escritos e nos textos traduzidos por Hélio Rocha, enquanto autor que se encontra inserido no estado de Rondônia como migrante do estado do Amazonas, mais especificamente, do município de Lábrea. Ou seja, Hélio também está em trânsito, dentro dessa perspectiva de processo migratório acelerado na região, em especial, no estado de Rondônia, nos últimos cinquenta anos. Daí sua atração pelas questões regionais não se restringirem apenas a criação dos seus textos, mas como tradutor, normalmente, opta por realizar esse tipo de trabalho em relatos de viagens e expedições amazônicas realizados por migrantes estrangeiros.

Já no processo de construção dos textos da professora doutora Nair Gurgel Oliveira do Amaral, em especial, o *ABC...ZÔNIA* (2021), a marca dos achados culturais eminentemente linguísticos são recortados e recriados pela autora a partir do que caracteriza essa cultura no que se refere ao seu mapa zoocultural, traduzindo-se na realização de um criativo e emblemático dicionário que impressiona e instiga o leitor a adentrar no seu universo de mapa da brincadeira, uma brincadeira seríssima, que incide sobre os valores e as emancipações da palavra em poemas que reescrevem o significado natural de forma a reviver a paisagem viva de nossa fauna amazônica, em sua exuberância e particularidades, em muitos dos casos se aproximando bastante das expressões da cultura nordestina. A título de ilustração transcrevemos o verbete ícone dessa mesma cultura, “Arara”, que abre o dicionário zoocultural e serve como exemplo dos recursos formais utilizados nos demais vocábulos, ora resgatando-se os processos das aliterações, ora das assonâncias que criam o clima de brincadeira e estabelecem o ritmo que bem remete a prevalência em relação ao nome do bicho definido no verbete, vejamos:

---

<sup>3</sup> Escritor e professor Doutor na Universidade Federal de Rondônia. Membro dos Programas de pós-Graduação em Estudos Literários e em Letras, da UNIR. Editor da Revista acadêmica *Igarapé*.

## Arara

Arara Canidé é o nome  
Araracanga é apelido  
Arara do peito amarelo  
Amazônia, o lugar  
Ao lado do seu amado, jura  
Amor eterno  
Arranha a árvore  
Abiu, acaí  
Araçá, azeitona  
Andiroba  
Abacaba  
Acaba com a aba  
Ararajuba  
Achou a anta ameaçada  
Ariranha amedrontada  
Arrepiou e bebeu  
Aluá, comeu apapá  
Aracu e aruanã  
Azulou  
Até o tucupi.

Como se pode perceber, a identidade cultural e os elementos do regionalismo se fazem presentes por meio dos desdobramentos realizados pela autora que alcança a expressão literária para realçar as relações entre linguagem oral, a imagem e o significado, trazendo os desdobramentos dentro do jogo que realiza a partir da letra inicial que compõe o nome do verbete e que se estende para os outros elementos com quem dialoga dentro da traição poética e cultural. Sobre este aspecto, podemos aqui citar como exemplo a recorrência desse padrão na formação dos outros verbetes que se consolidam pela utilização dos mesmos procedimentos, não só os já citados, observados a partir da escrita, como do próprio ritmo dos textos/verbetes, dentro da questão que se pretende expandir, a “definição” sócio regional de cada um dos elementos figurativos que compõe a fauna local em suas diversas formas de ilustração, tanto enquanto verbete, como enquanto poema que se faz a partir da funcionalidade da linguagem, o que de certa forma, revela o aspecto lúdico com o que a proposta do *ABC...ZÔNIA* se faz por parte da autora e remetem ao pensamento de Mignolo, Bauman, Hall e Eagleton.

No centro do livro dicionário, tal como em seu início, o resgate de animais icônicos desta cultura se repete tal como se tem na figura do “Macaco Prego” e corporificam o regionalismo na seara da fauna, resgatando a ideia dos riscos que a cultura nativa sofre de extinção. Os procedimentos formais são os mesmos que se apresentam em outros poemas do sucinto dicionário, com a diferença que se verifica na acentuação do aspecto lúdico presente

pela dominância das nasais representativas do canto de lamento identificado pelo risco de extinção da espécie e remete à metáfora da representação emblemática que o animal carrega. Vejamos:

### **Macaco prego**

Macaco do mato  
Mico no trato  
Moco se faz  
Morto?  
Maca, rapaz!  
Malino  
Mete a conversa  
Muita mentira  
Matrichã só escuta  
Mucura procura  
Mariposa gigante  
Mas só vê  
Mil galhos no ar  
Migalhas no chão  
Mata a fome  
Mesmo prego  
Morre de amor  
Morde banana, mamão  
Macaxeira, manga e limão  
Mixira não.

Desta forma, a metáfora do Macaco prego, representa enquanto verbete, o chamamento para a denúncia dos riscos de extinção que alcançam a fauna da região amazônica, resistente em seus limites socioculturais, por meio de alguns princípios que exigem uma certa “desobediência” às teses do colonizador, como nos fala Walter Mignolo em *Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado* (2008), para ele, “a opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e de acumulação de conhecimento”, que limita a própria criatividade dos instrumentos de leitura genuína da própria cultura, constituída a partir de elementos comuns a um determinado grupo de indivíduos em determinado espaço geográfico.

Assim, a arara e o macaco prego, são poemas verbetes que longe das relações historiográficas que encontramos nos escritos do professor Hélio Rocha, nos contos de *Gaivotas*, especificamente, cuja denúncia parece resvalar mais sobre as questões de ordem históricas e sociais, o que se apresenta no *ABC...ZÔNIA* da professora Nair Gurgel é a denúncia da dominação ideológica que remete à práticas do desenvolvimento que só atende aos interesses

dos colonizadores. Temos aqui um instrumento, o dicionário, que, embora encerre uma ideia de tradição e conservadorismo, reescreve-se sob o olhar da renovação cultural e literária em cada um dos verbetes. Aqui, finalizamos essas reflexões sobre o trabalho da professora transcrevendo o último poema do livro, que ao contrário dos dicionários construídos no seio da tradição, é um dicionário curto, com cerca de cinquenta páginas.

### **Zidedê da-Asa-Cinza**

Zagaia lançam  
Zeloso pássaro  
Zambeta fica  
Zarolho já é  
Zonzo  
Zero-bala – pronto pra outra  
Zezão abobado  
Zé Ruela  
Zimpado saiu  
Zoadá nenhuma  
Zombou do azar  
Zoológico  
Zangado ficou  
Zebra tem  
Zero é nada  
Zerado é novo  
Zangão  
Zoeira  
Zumbido  
Zum zum zum

Em especial aqui, na imagem da ave/formiga de asa cinzenta, típica da região amazônica, incluindo-se aí outros países, o aspecto lúdico se acentua com a utilização da onomatopeia que finaliza o verbete e que encerra o livro pela própria reiteração da extinção acentuada do animal, em especial, no Brasil.

Referencie-se ainda mais este aspecto, em especial, o aspecto literário do próprio texto em sua natureza e em sua função, posto que temos neste caso, a própria epopeia infantil e os aspectos lúdicos reafirmados e acentuados em Rubens Vaz Cavalcante (Binho) e o seu *O menino e o Rio*, obra publicada pela editora temática, com estrondosa repercussão nos meios educacionais e literários de Rondônia. Um livro poema que escorre como o próprio rio Madeira em suas relações com a infância e a formação cultural da cidade de Porto Velho, capital do estado.



Construído em cerca de 24 instâncias estróficas o livro apresenta-se em forma diferenciada, tipo encarte, que vai se desdobrando em ondas e revelando as profundezas que a linguagem literária traz. História de um menino que “era um menino/ meio avoadado/ não tinha medo/ de viajar”, o poema resgata, em processo semelhante ao que assistimos em Nair Amaral, os jogos e brincadeiras com os peixes que se personificam participando da formação cultural que pretende preservar parte da história da região, por meio dos verbetes que nomeiam as criaturas marítimas e suas representações metafóricas. O menino, “tomou um gole/ de poesia/ num certo dia/ pra flutuar, mas ao contrário/ do que pensara em vez do céu/ para vagar/ tinha era um Rio/ Um Rio lindo/ cheio de encantos/ a navegar”. A narrativa poética, no mesmo caminho de outras obras literárias, resgata e apresenta parte da cultura portovelhense a partir dos elementos que associam os valores culturais com a vida aquática, a infância e o instinto de preservação, enaltecido pelos aspectos do encantamento e do mundo inusitado que se coloca em todo o poema. O menino, esteio do encantamento, espanta-se com o aspecto mágico que envolve toda a narrativa, traduzida como narrativa poética de tonalidade regionalista, em sua dimensão. Assim, sob os olhos da ingenuidade e do encantamento, a fábula traz a humanização dos peixes que para espanto do menino, constroem o diálogo na humanização, assim:

#### **Para seu espanto**

Vieram peixes  
De toda espécie  
Para conversar

Veio a piranha  
-Que lindos dentes-  
E deu-lhe um sonho  
Para ilustrar  
Com lindas cores  
De arco-íris  
Potes de ouro  
De rio e mar

Veio a sardinha  
Lhe deu um beijo  
E alguns poemas  
Para brincar

Especialmente nas estrofes acima, as rimas finais em “ar” convidam ao rápido processo de memorização do texto e dos nomes envolvidos. Isso se acentua também com o uso dos versos tetrassilábicos ou redondilhas menores, muito usados nas canções românticas e populares com

finalidade semelhante, que alcançam o mesmo processo mnemônico presente desde o início do poema, fixando as palavras na mente do leitor criança que adere ao processo de resgate dos elementos dessa cultura via relações de similaridade com total apreensão. Nesse sentido:

### **O tambaqui**

Que ali passava  
Assistiu a tudo  
E achou bacana

O Velho Boto  
Agradecido  
Deu-lhe um colar  
De barbatanas  
Algumas pedras  
Doutro planeta  
E o livro novo  
Do Mário Quintana

Moleque Belo  
Ficou tão Feliz  
Que pediu ao boto  
Um pequeno encanto

Pois precisava  
Voltar pra casa  
Fazer o dever  
Escrever um conto

Foi tão ligeiro  
Que ele sentiu  
E da viagem  
Só ficou o espanto  
E La se foi  
O menino avoadado  
Inventando a vida  
Ensinando o canto.

Ensinando o encanto, ensinado as palavras, os nomes dos peixes, que se configura como parte da finalidade do poema, enquanto peça de valoração dos aspectos regionais que envolvem a natureza do rio e a sua diversidade de fauna, na perspectiva do universo regional que se espelha na literatura, via linguagem específica com referenciais específicos da região. Assim, se tivéssemos que falar em aspectos de intensidade literária, da relação de proximidade entre a natureza e a função da literatura, como nos ensina René Welleck (1976), o texto de Rubens Vaz Cavalcante, representaria bem as teses associadas ao pensamento da identidade cultural na pós-

modernidade de Hall (2011), ou a dimensão dessa mesma identidade em suas nuances líquidas que encontramos nas reflexões de Zigmunt Bauman em *Modernidade Líquida* (2000), ou ainda, em *Identidade* (2004), livro de entrevistas do autor, em que o mesmo desconstrói a ideia de segurança e permanência que nos envolve para apontar as ocorrências das incertezas e da dúvida, que passam a permear nossa existência e nossa identidade.

### **Considerações Finais**

Na verdade, ao considerarmos as três produções dos autores de Rondônia, nos deparamos com a reescritura e a recriação dos aspectos da identidade amazônica que faz a infância de *O Menino e o Rio*, poema de Rubens, alcançar os voos dos contos das *Gaivotas* de Hélio Rocha e se fixar no magistral trabalho de construção da ideia fixa de um glossário de feições amazônicas em sua zoodimensão, da professora Nair Ferreira Gurgel do Amaral, desconstruindo o mito e a lenda das vantagens do boom desenvolvimentista a partir dos anos de 1970 para a região e o estado de Rondônia, em especial.

Tais obras sintetizam parte do que encontramos em outros escritos dos mesmos autores, como as narrativas de cunho historiográficos de Hélio Rocha em *Maciary* que se caracteriza pela luta entre povos originários contra os colonizadores ou ainda na revelação das especificidades culturais da fala do *Portovelhês* (2015), livro que antecede a experiência dicionaresca do *ABC...zônia* (2021), da professora Nair Amaral e reencena pela oralidade a língua e a cultura como elementos demarcadores das especificidades regionais. Assim, aqui encerramos a nossa proposição de identificação da pluralidade e diversidade cultural pelas diversas marcas de forma e de gêneros apresentados na produção dessa literatura que se limita enquanto proliferadora de imagens que regionalizam os aspectos culturais de Rondônia.

### **Referências**

AMARAL, Nair Ferreira do Gurgel. **ABC... zônia: Dicionário zoocultural da Amazônia**. Porto Velho: Rondônia. Temática Editora, 2021.

AMARAL, Nair Ferreira do Gurgel. **Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”**. Porto Velho: Rondônia. Temática editora, 2015.

AMARAL, Nair Ferreira do Gurgel. **Farinha pouca, meu pirão primeiro: à mesa com os ribeirinhos**. Porto Velho: Rondônia, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

CAVALCANTE, Rubens Vaz: **O menino e o Rio**. Porto Velho: Rondônia, Temática Editora, 2017.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: SP. Editora Unesp, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: RJ. DP&A EDITORA, 2011.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n.34, p. 287-324, 2008.

ROCHA, Hélio. **Gaivotas**. São Paulo: Guaratinguetá, 2015.

ROCHA, Hélio. **Maciary, ou para além do encontro das águas**. Rio Branco: Acre, 2018.